O Presidente Saddam Hussein dirige-se aos trabalhadores do Iraque

O Presidente Saddam Hussein dirige-se aos Trabalhadores do Iraque

Texto do
Discurso do Presidente Saddam Hussein
na
Sexta Conferência Nacional da
União dos Sindicatos Iraquianos

1980

O Presidente Saddam Hussein dirige-se aos Trabalhadores do Iraque

Texto do
Discurso do Presidente Saddam Hussein
na
Sexta Conferência Nacional da
União dos Sindicatos Iraquianos

1980

Publicado por
Dar al-Ma'mun para tradução e publicação
Baghdad, 1981

PREFÁCIO

Em 25 de Agosto de 1980, o Presidente Saddam Hussein pronunciou um discurso na sessão de encerramento da Sexta Conferência Nacional da Federação Geral de Sindicatos (GFTU) do Iraque (23-25 de Agosto). Participaram muitas delegações de trabalhadores, Árabes e amigas.

Nestas conferências os trabalhadores Iraquianos não só elegem os seus representantes para os órgãos executivos das cúpulas do GFTU, como fazem o balanço das actividades federativas, desenvolvidas e avaliam os resultados da produção e a implementação do programa da Federação a ela respeitante.

Assim tem sido desde a subida ao poder do Partido Ba'th Socialista Árabe, em Julho de 1968, que estabeleceu, através dos órgãos estatais e sociais, uma base sólida para o processo democrático.

O sentido de responsabilidade que caracteriza os debates destas conferências reflecte uma atitude séria dos trabalhadores com vista a um contributo efectivo para a construção de uma nova sociedade, sob a direcção do Partido Ba'th Socialista Árabe, que dirigiu a Revolução de Julho de 1968 e tem sido, desde então, o timoneiro das realizações levadas a cabo no Estado e na sociedade deste país.

Pretende-se, com esta publicação, dar a conhecer o conteúdo dos temas abordados pelo Presidente Hussein e que se relacionam com os vários aspectos da vida dos trabalhadores Iraquianos.

Trata-se, com efeito, de um discurso em que são realçados determinados aspectos da política do Sistema Revolucionário deste país, nomeadamente a posição dos trabalhadores face ao curso geral da transformação socialista do país, à política Árabe e internacional do Governo Iraquiano, e ainda face ao esboçar das bases da nova ordem social no Iraque.

Houve uma maior preocupação em nos debruçarmos sobre o conteúdo do discurso do Presidentee Hussein do que em nos prendermos às suas palavras, tanto mais que este, tal como acontece habitualmente, foi proferido na reunião, sem ter sido, previamente, elaborado.

O EDITOR

Aos Camaradas que foram eleitos hoje e que vão ter a honra de continuar o trabalho em prol dos trabalhadores, dos Iraquianos em geral e da gloriosa nação Árabe, eu transmito as congratulações da Direcção do Partido e da Revolução. A gratidão e o apreço da Direcção do Partido é, simultaneamente, extensiva àqueles Camaradas que desempenharam cargos na Comissão Executiva, assim como a outros Camaradas que tenham ocupado posições de igual importância e que tenham, assim, tido a honra de partilhar o peso das responsabilidades, no interesse da classe trabalhadora, do povo Iraquiano em geral e da luta pela realização dos objectivos da gloriosa nação Árabe.

Amigos, Irmão Árabes e Camaradas, Representantes dos Trabalhadores do Iraque,

Desde o eclodir da grande Revolução de Julho de 1968 e no decurso do processo triunfante do nosso glorioso povo, novos valores têm sido, conscientemente, consolidados na sociedade Iraquiana. Nesta ordem de valores, a responsabilidade assumida a quaisquer níveis é considerada tanto uma honra, como um dever prestado para o bem do povo do Iraque, sob os objectivos grandiosos da grande Revolução de Julho. Não é, portanto, absurdo, que um cidadão Iraquiano considere que o servir os interesses de um tal processo é matéria de primordial importância ou melhor, uma honra que se sobrepõe a todas as outras.

Isto respeita, na verdade, a qualquer cidadão, homem ou

mulher, seja ele o Chefe de Estado, o Secretário-Geral do Partido, um oficial do exército ou um membro das forças policiais. Desde os primeiros dias da Revolução que estes novos valores têm prevalecido, de tal modo que a superioridade não existe por via da hierarquia administrativa, mas pelo verdadeiro e honroso assumir da responsabilidade e pela estrita e fiel adesão a princípios fundamentais, no interesse tanto do povo como da nação. É sob este ponto de vista que os Iraquianos, tanto funcionários públicos como operários, encaram a sua condição de trabalhadores.

Os vossos camaradas Iraquianos devem ter-vos falado das grandes realizações que a Revolução alcançou no interesse do povo Iraquiano em geral e da classe trabalhadora em particular. Não desejo falar pormenorizadamente de tais empreendimentos; é preciso, no entanto, citar, ao acaso, alguns exemplos.

Na era pré-revolucionária, todos os Iraquianos eram oprimidos. O próprio Iraque ocupava uma posição de retaguarda, não só na comunidade internacional, mas também de entre os outros estados Árabes. O nome do Iraque era invariavelmente associado a subdesenvolvimento, anarquia, injustiça, dependência e subordinação. Ser operário significava, na escala social Iraquiana da altura, ser uma pessoa com uma posição económica, social e politica inferior. Esta era a situação da maioria dos camponeses, bem como de todos os outros trabalhadores.

Todos os Iraquianos eram, sem excepção e a vários níveis, vítimas da opressão. Alguns sofreram uma dupla opressão: era o que se passava, geralmente, com a mulher Iraquiana. Como cidadã do Iraque, ela partilhava a sorte de todos os seus companheiros compatriotas oprimidos; no seio da família tinha que suportar a tirania do seu próprio marido. Operários, camponeses e todos os outros trabalhadores, foram também vítimas de uma dupla opressão: sobrecarregados pelo pesado fardo da opressão

que incidia fortemente sobre todos os Iraquianos, foram igualmente tiranizados por certos sectores da comunidade que gozavam de influência económica, política e social, em virtude da solidariedade de classe do grupo dirigente reaccionário e desonesto.

Alcançada a liberdade, todos os Iraquianos gozam agora de idêntica situação social, com igualdade de oportunidades, qualquer que seja o seu estatuto no governo e na sociedade.

Não obstante a existência de tal igualdade social, um operário continua, apesar disso, a gozar não só do atento cuidado do Estado mas também da protecção do Partido, que resulta da sua extraordinária posição de influência. Não é necessário apresentar exemplos.

A nível administrativo, as transferências de pessoal, de sectores ou de departamentos, autorizadas por conveniência ou necessidade operacional, podem com facilidade ser efectuadas no que respeita a funcionários públicos, através de pedido explícito e por recomendação dos seus chefes de departamento. Pelo contrário, tal mudança só se pode efectivar em relação a um operário, após um prolongado processo que envolve um considerável grau de apreciação e de decisão. Esta situação incongruente não pode prevalecer. A uniformidade no que respeita a nomeações, transferências, etc., deve manter-se desde que, tanto funcionários públicos como operários cumpram todos os seus deveres e gozem, consequentemente, todos os direitos.

Ainda se nos depara, com efeito, uma lei que reflecte dois aspectos: o primeiro, pressupõe que os operários vivem numa sociedade revolucionária, sob um sistema revolucionário, que não só preserva os verdadeiros interesses dos trabalhadores (e, bem assim, os de todo o povo Iraquiano), como também os equipara (tanto operários como camponeses) ao resto dos cidadãos; o segundo contraria o espírito do primeiro devido à existência de

determinadas cláusulas no Direito do Trabalho, que parecem elaboradas por um partido da oposição e que parecem ter sido estrictamente determinadas para os operários, sob condições da oposição.

Entendemos que não se pode permitir que um tal estado de coisas se mantenha, mesmo considerando unicamente a sua incompatibilidade com a natureza da nossa comunidade revolucionária. Estamos, apesar disso, cientes da necessidade premente de ultrapassar certos obstáculos, o que explica a nossa relutância, até ao momento, em superar tal anomalia. Este ponto tem, de facto, aparecido nas nossas agendas, ano após ano, acabando sempre por ser adiado. A nossa relutância em endireitar estas situações tem a sua origem nos nossos receosos burocratas, influenciados por fortes, embora não interesseiros incentivos de classe, sujeitando os trabalhadores a injustiças, através da má aplicação de medidas administrativas. Iremos, consequentemente, reconsiderar a reforma das lei existentes, após nos assegurarmos que as práticas e processos administrativos serão justa e adequadamente executados. Só assim um operário deixará de gozar de benefícios e privilégios extras que são negados aos funcionários públicos e só então as duas categorias se equivalerão, não só em direitos, mas também em responsabilidades. E não nos esqueçamos, nesta conjuntura, que, enquanto no passado um operário trabalhava de mais e era pago e privilegiado de menos, hoje em dia ele goza de privilégios, alguns dos quais ultrapassam os gozados por outros cidadãos Iraquianos.

Desde Julho último, todos os Iraquianos começaram a gozar o privilégio de ter o futuro assegurado, que lhes é conferido através de uma série de leis sociais benévolas, que prevêm pensões regulares aos deficientes e idosos, bem como aos órfãos e viúvas, com um valor mínimo equivalente ao auferido por um trabalhador praticante, empregado pelo Estado.

Em virtude destas lei qualquer iraquiano goza hoje de um esquema completo de segurança social, desde o nascimento até à morte, sob o benevolente e atento cuidado da Revolução. No essencial, é esta a nova sociedade Iraquiana, em oposição à antiga, a que já foi feita menção.

Apesar de todos os empreendimentos que foram levados a cabo e apesar do nosso profundo sentido de orgulho em relação a tudo o que tem acontecido, não é esta, de modo algum, a imagem final da sociedade a que aspiramos, que será em última análise o modelo para toda a sociedade Árabe.

Amigos, vocês podem facilmente detectar na linguagem dos Iraquianos, como, de facto, na maneira de se expressarem na generalidade alguns dos outros nacionalistas Árabes, uma clara e constante fusão entre a atitude nacional, dentro de cada país Árabe, e o nacionalismo Árabe. O nome do Iraque aparece invariavelmente ligado ao da nação Árabe. De facto, há alturas em que a alusão à nação Árabe antecede a do Iraque. Isto não significa que o Iraque seja relegado para um segundo plano ou que se pretenda um menosprezo deliberado. Pelo contrário, num tal contexto há um ênfase consciente no que respeita à verdadeira posição do Iraque: estar onde possa oferecer tudo o que esteja ao seu alcance par o bem da nação Árabe.

Onde quer que esteja, um Árabe crê-se parte da nação Árabe. Tal crença é igualmente partilhada por todos os cidadãos dos países Árabes, independentemente das diferenças étnicas. Todos os Árabes, na verdade, se crêem como parte de uma nação, apesar da sua divisão em diferentes estados, devido a razões e circunstâncias várias. É nesta base que a atitude nacional dentro de cada país Árabe e o nacionalismo Árabe se conciliam. E é nesta mesma base que a luta de classes na sociedade se encontra combinada, não só na luta nacionalista Árabe, mas também na luta nacional local. E é dentro desta perspectiva fun-

damental, amigos, que nós encaramos a segurança da Síria, ou da Argélia, e a consideramos como parte da segurança do Iraque.

O mesmo conceito básico fundamenta a nossa atitude face ao território ocupado da Palestina. Encaramo-lo como se fosse o território Iraquiano que estivesse a sofrer tal sorte, donde a nossa incansável preparação de forma a garantirmos que o Iraque tenha um papel importante na consolidação da segurança dos Estados Árabes contra ambições territoriais, invasoras e imperialistas. Estamo-nos a preparar para o papel que, nesta base, nos cabe, quanto à libertação do território amado da Palestina.

Deixai-me que vos diga, Amigos, e porque me estou a dirigir a vocês e não a Iraquianos ou a outros irmãos Árabes, que sempre tenham conhecido e apreciado estes princípios, que estes não constituem uma teoria nova. Talvez que a novidade esteja no nosso caminho para eles, em comparação com o caminho que conduz a outros princípios.

Esta teoria não é nova. O nascimento da nação Árabe deu-se muito antes quer do do Partido Ba'th Socialista Árabe quer da Revolução de Julho de 1968. A nação Árabe é a mais antiga das nações do mundo e o seu progresso civilizacional tem sido unanimemente reconhecido como estando na frente de todas as outras nações. Esta crença não provém, no entanto, do desejo de suplantar as outras nações. Tal desejo é totalmente alheio aos nossos princípios, porque sempre temos defendido o princípio da igualdade, não só dentro do Iraque e da nação Árabe, mas também dentro da grande comunidade mundial.

O aparecimento da nação Árabe precedeu, naturalmente, o Partido Ba'th Socialista Árabe e a Revolução de Julho de 1968 no Iraque.

Assim, não nos arrogamos de ter feito a descoberta da nação Árabe. Antes, nos colocamos ao seu serviço e agimos em conformidade.

Embora possa parecer incompreensível para alguns, a nossa conduta fundamenta-se numa inabalável crença na unidade da atitude nacional, dentro de cada país Árabe, e o nacionalismo Árabe; na unidade dos Iraquianos com o resto dos Árabes; e na unidade dos interesses da nação Árabe com os de todas as nações que defendem os princípios da paz, liberdade e igualdade no mundo.

Podereis perguntar como é que uma nação de uns 140 milhões foi derrotada por uns meros 3 milhões e meio de Sionistas, na Palestina! Neste ponto, pensamos que uma revisão concisa de alguns factos básicos é, não só relevante, como essencial. Fossem os Árabes menos em número, digamos 15 milhões, mas unidos e teriam sido muito mais fortes. A força reside na unidade. As várias partes de uma entidade dividida enfraquecem o poder de cada uma das outras, mesmo excedendo a população em algumas zonas os 15 milhões. A divisão gera interesses conflituosos. Os governantes, mais que os respectivos povos, são a causa da contradição e discórdia prevalecentes.

Cada governante acredita que a sua conduta é certa e justa, apesar dos seus desvios e dos seus erros. Alguns governantes estão, directa ou indirectamente, ligados e, consequentemente, influenciados, a determinadas forças ou ao imperialismo. Estas forças perceberam que a fragmentação da nação Árabe facilitaria a execução dos seus desígnios, à custa da própria nação Árabe e dos seus conflitos. Dividida e fragmentada, a nação Árabe compõe-se de 22 estados. Pode, facilmente, imaginar-se a desesperada posição de uma nação, que se compõe de 22 entidades, sob 22 governos, cada um com vontade própria; com 22 políticas externas; com 22 diferentes políticas internas; e com 22 concepções no que respeita às relações inter-Árabes. Face a tal desunião levanta-se o Sionismo, consolidado e unido. A determinação dos 3 milhões e meio de Sionistas na Palestina, e o seu desejo de

continuar a agressão contra os Árabes, são fortemente apoiados pelo empenho firme e pela força tenaz dos Sionistas espalhados por todo o mundo: na Rússia, donde emigraram para a Palestina; nos Estados Unidos da América, onde se infiltraram nas várias organizações e círculos secretos americanos, que desempenham um papel primordial, não só na determinação da política dos E. U. A., como também das tendências científica e tecnológica.

Os Sionistas na Palestina combateram, assim, a nação Árabe através dos esforços concertados dos Sionistas, em todo o mundo. Sionistas de França, Inglaterra, Holanda e outros pontos do globo forneceram aos 3 milhões e meio de ocupantes da Palestina informações actualizadas sobre as últimas descobertas científicas, que conseguem, como foi o caso, fazer sair clandestinamente desses países. Estes Sionistas usaram ainda, todos os meios de informação e todo o capital disponíveis, no interesse dos usurpadores da Palestina.

É, no entanto, claro, que este apenas constitui o "avant-garde" do exército que se confronta com a nação Árabe. Este exército é uma organização dupla. A sua primeira parte manifesta-se em termos da influência Sionista no mundo e utiliza estados inteiros contra a nação Árabe e os seus interesses.

A segunda parte deste exército é constituída por quintas colunas espalhadas pelo mundo, para servir também os interesses dos 3 milhões e meio de Sionistas, na Palestina. Isto explica, de certo modo, a dificuldade que se tem em compreender como e porquê 140 milhões de pessoas podem ser derrotadas por uns meros 3 milhões e meio. Para que este quadro não se altere, as forças anti-Árabes têm tentado enfraquecer a posição da nação Árabe e a sua influência internacional. Procuraram, igualmente, provocar conflitos entre os interesses nacionais franceses e as ambições dos Sionistas de nacionalidade francesa. O mesmo se

pode dizer quanto aos interesses americanos face às ambições de Sionistas americanos. O único interesse desses Sionistas é dirigido para o uso desses estados e das suas potencialidades nos interesses do Sionismo e, consequentemente, para prejuízo da nação Árabe.

Pode asseverar-se que, quando os Árabes superarem o seu atraso científico e tecnológico e alcançarem um nível adiantado, o fosso entre a nação Árabe e aquelas que vieram para a Palestina dos sítios cientificamente mais avançados, será preenchido ou pelo menos reduzido. Este fosso foi provocado, originariamente, pela situação de atraso, opressão e fragmentação imposta à nação Árabe, sob dominação colonialista, durante épocas passadas. Os Árabes só alcançarão a vitória e derrotarão o inimigo Sionista, quando o número destas entidades diminuir, não necessariamente através de alianças, mas através da diminuição de situações conflituosas entre estas entidades e da redução de orientações divergentes nos domínios político, social e económico. Tal acontecerá, certamente, quando todos os Árabes, sem distinção, perceberem que o estabelecimento de laços entre os filhos da nação, independentemente das suas ideologias e de todas as divergências, é uma necessidade imperiosa.

Temos paciência ainda — não para suportar a opressão mas sim para aumentar as nossas possibilidades de vitória e para agir na preparação dos requisitos indispensáveis. É por isto que discordamos daqueles cuja impaciência, para não dizer mais, os leva a escolher alternativas desonrosas, em domínios delicados, nos quais a nação Árabe não pode, presentemente, alcançar vitória sobre os Sionistas. Embora nós, por nós próprios, percebamos que neste estádio a nação Árabe é incapaz de conseguir a vitória que se pretende, no entanto acreditamos, ao mesmo tempo, que tal situação só pode ser temporária.

Muito prezamos que, a vários níveis, a nação Árabe esteja

presentemente em muito melhor situação do que estava há cinco anos. Não é só o caso do Iraque, da Síria, da Argélia e da Líbia, mas de todo o resto do mundo Árabe. Muito nos apraz, também, que o índice do progresso tenha sido relativamente maior no Iraque do que, digamos, na Arábia Saudita, no Iémen ou na Argélia, particularmente no domínio da ciência e da orientação da vontade popular, na direcção justa. Em média, no entanto, todos os países Árabes têm progredido. As potencialidades da nação Árabe, a sua posição internacional, a sua influência humana e inter-activa têm-se desenvolvido consideravelmente. A comprová-lo há o facto de já ter começado a ter interferência nos negócios mundiais. Embora tal não tenha ainda atingido toda a sua amplitude, sobretudo quanto aos locais e à forma em que essa interferência deveria ser mais eficaz, acreditamos no entanto, que a vontade da nação Árabe vencerá indubitavelmente.

Apesar de não sermos capazes, presentemente, de sustentar uma luta para realcançar os nosssos direitos Árabes, como é nossa obrigação, não somos forçados, no entanto, a capitular, especialmente estando em posição de não o fazer. Temos que trabalhar meticulosamente no seio da classe operária, dos camponeses, dos soldados, dos cientistas e ao nível dos órgãos de chefia, para preparar os requisitos necessários para a muito desejada vitória futura e para o sério conflito contra o Sionismo, encarado não só como "avant-garde", ao serviço dos interesses do imperialismo, mas também como uma entidade racial muito odiada.

É tendo em conta estas diferenças entre nós e aqueles que advogam a capitulação, e face à situação existente na nação Árabe, que vocês, Amigos, nos encontram por vezes de acordo com regimes de direita, alguns dos quais reaccionários. Tal situação não deve no entanto ser, erradamente, tomada como reflexo

da imagem ideal que aspiramos para a nação Árabe. Acreditamos que a imagem da nação Árabe deve ser coerente com os nossos princípios, do mesmo modo que estamos a construir uma nova sociedade do Iraque, na linha desses princípios. No entanto, enquanto diligenciamos no sentido de edificar a imagem que pretendemos, estamos também conscientes da existência de determinadas realidades objectivas, com as quais temos que contar. Isto não nos obriga a renunciar à nossa ambição, mas, por outro lado, devemos lembrar-nos das circunstâncias materiais que devemos utilizar para concretizarmos essa ambição.

Por conseguinte, é nesta base conceitual que por vezes lidamos com regimes de direita. Cada uma das partes conhece, efectivamente, a posição da outra, mas trabalhamos juntos, no entanto, num âmbito que permita alcançar um consenso Árabe. Embora não seja esta a verdadeira imagem da unidade Árabe, pela qual lutamos, é no entanto um passo mais favorável do que a desunião total.

Dialogamos igualmente com regimes que sabemos ligados aos Estados Unidos por laços, nos quais não só não acreditamos, como também, na verdade, não aceitamos. Embora expressando a nossa desaprovação quanto às suas relações com os Estados Unidos, negociamos, no entanto, com eles a qualquer nível vulgar, o que é, com efeito, um meio termo entre o que eles querem e aquilo que nós na realidade ambicionamos.

Fazemos tudo isto no verdadeiro interesse da nação Árabe, a todos os níveis e em qualquer domínio. Fazemos tudo isto com vista a um reforço gradual do poder e das potencialidades da nação Árabe, de forma a ajudá-la a impor a sua própria vontade na defesa da sua independência, soberania, honra e segurança.

É tendo por base tais conceitos que a Direcção Política decidiu publicar a Declaração Nacional, em 8 de Fevereiro último. Ela determina que os Árabes não permitirão que nenhum poder

estrangeiro, qualquer que seja a sua cor, tenha exércitos ou bases militares estrangeiras, em solo Árabe. Apela aos Árabes para que evitem o uso da força na resolução dos seus problemas; para que solucionem as suas divergências amigavelmente e através de meios políticos, numa base fraternal; e para se absterem do uso da força perante os países vizinhos, excepto em assuntos relativos à defesa da sua soberania e segurança.

Estamos perfeitamente conscientes da má vontade das potências que não nutrem bons sentimentos pela nação Árabe — a mesma má vontade que leva essas potências a usar os países vizinhos como ponte para a expansão da sua influência dentro da nação Árabe.

Porque acreditamos na unidade da nação Árabe, e no papel que a Revolução nacional deverá ter sempre no interesse da nação Árabe, nós apelámos seriamente aos Árabes, através da Declaração Nacional, sugerindo que os países Árabes mais pobres devem partilhar das riquezas dos mais prósperos. A disparidade Económica é, não só na prática, incompatível com o conceito de nação Árabe, como também facilita a infiltração da influência estrangeira, que visa a fragmentação da nação ou, pelo menos, a manutenção das actuais divisão e discórdia. A disparidade Económica a um tal nível é análoga àquela que prevalece em todos os países, em que as diferenças de classe geram miséria para determinados sectores da comunidade e riqueza para outros.

Embora aspiremos à amizade com todos os povos do mundo em geral, só procuramos a amizade de estados que respeitem, não só a vontade do Iraque em si, mas também a da nação Árabe e de todos os seus países. Pode surpreender-vos, consequentemente, ver-nos armados e na mesma linha de combate de determinados regimes reaccionários Árabes, da mesma forma que o fazemos com regimes progressistas, nas alturas em que os

seus territórios sofrem a agressão estrangeira. Ao agir assim, partimos do princípio de que tais territórios não são propriedade pessoal de um ou outro governo reaccionário em particular, mas sim do povo Árabe que aí vive. Uma vez que somos filhos de uma só nação, com um só povo Árabe, uma só história e uma só pátria, qualquer violação por parte de uma potência estrangeira à soberania de Oman, por exemplo, é uma violação à soberania do território Árabe, embora mantenhamos, simultaneamente, a nossa posição quanto ao seu Sultão e ao regime do país.

O facto de o Iraque ser considerado progressista pelos padrões convencionais, não significa que deva apoiar outros regimes progressistas quando um destes cometa actos considerados lesivos do interesse de um ou outro país Árabe. Assim, se a China, Deus não o permita, invadisse o Iémen do Sul ou a Arábia Saudita, o Iraque progressista não apoiaria a China progressista! Como é que isso seria possível? Quanto a isto gostaria de pedir desculpas à delegação Chinesa, pelo exemplo. A nossa posição não seria diferente, se fosse a União Soviética, a Roménia, Cuba ou a Jugoslávia a fazer tal coisa. Levantar-nos-íamos em armas contra qualquer deles em tal situação, do mesmo modo que o faríamos se os E. U. A. viessem atacar o Iémen do Sul. Os territórios Árabes pertecem aos Árabes.

Estes deveres fundamentais, Amigos e Irmãos, constituem um pesado tributo, que impõe exigências de ampla projecção, que a Revolução de Julho tem que enfrentar. No entanto, tudo isto faz parte do caminho que escolhemos e que temos que percorrer. Sem isso, não mereceríamos a honra de nos mantermos na posição em que presentemente estamos. Chegámos a este ponto unicamente pelo mérito desses princípios, nomeadamente: pondo fim, de uma vez por todas, à exploração e à servidão no Iraque e na pátria Árabe; alcançando a igualdade e uma vida honrosa e digna para todos os Árabes e construindo o socialismo por toda a pátria Árabe.

Respeitamos os povos do mundo como, na verdade, respeitamos a sua luta e os caminhos por eles escolhidos, e esperamos, ao mesmo tempo, que tal sentimento seja recíproco. De facto, consideramos a segurança de todos os povos, e em especial os do Terceiro Mundo, como parte da nossa. É nesta base que estabelecemos relações com países do Terceiro Mundo. É nesta mesma base que o nosso interesse pelo Movimento dos Não-Alinhados aumenta constantemente, como uma filiação a manter, inevitavelmente, a nível internacional, com vista a consolidar a independência do nosso país e da nação Árabe e também de forma a fornecer terreno mais sólido para a consolidação dos nossos desejos, tanto a nível internacional como ao nível da nação Árabe. Esta posição define também a nossa orientação de servirmos, efectivamente, a humanidade.

Motivada por tão altos princípios, não há dúvida, Amigos, que a Revolução enfrentou, como na verdade enfrentará também de futuro, muitas conspirações de diferentes matizes e provenientes de vários lados. Tal como as conspirações do passado, também as do futuro estarão condenadas, não tanto pela força e precaução da Direcção Política, embora esta seja forte, ou pelas fortes tropas dos partidários do Ba'th, também elas muito poderosas, mas sobretudo pela força do povo. Todo o povo Iraquiano, independentemente da filiação política e étnica ou da classe social, abraçou de todo o coração a Revolução e os princípios que já mencionei.

Isto não é conversa fiada, pronunciada à porta fechada. Não só conhecemos muito bem o nosso povo e com ele dialogamos directamente, como também o temos posto à prova em ocasiões bem duras. Ficai seguros, Amigos, por inversa que a imagem possa parecer, houve também muitas ocasiões em que o próprio povo serviu para levantar a moral do Partido e por vezes até a dos seus próprios dirigentes. Os Iraquianos não eram assim em

1969. Um ano após a Revolução de Julho de 1968, o número de pessoas prontas a sacrificar-se em defesa da Revolução era muito menor do que actualmente. De facto, nessa altura um considerável número de pessoas se nos opunha. Houve também um número razoável de Iraquianos que se deixou ficar a observar, esperando para dar o seu veredicto final. Este constituiu a grande maioria, pelo menos fora das fileiras dos operários e camponeses.

Mas o povo Iraquiano está agora pronto a dar a sua vida em defesa da Revolução, tão prontamente como o faria qualquer organizado e disciplinado membro do Ba'th. Isto tem-se verificado em mais do que uma ocasião. É aqui que reside a nossa força, Amigos e Irmãos, na profunda crença do povo no curso da nossa Revolução. Não será lisonja nossa, se declararmos com toda a confiança, que a mais poderosa força militar não conseguirá ocupar o Iraque a não ser que ele esteja completamente despovoado. Os Americanos podem lançar uma pequena bomba atómica para liquidar os Iraquianos, como prelúdio necessário para a ocupação do país. Se não recorrerem, no entanto, a tais meios não conseguirão, de outro modo, fazer uma ocupação certamente nunca pelo simples recurso ao seu exército convencional.

Tal regozijo só pode reflectir a confiança, que o povo sente, de todo o coração, na via particular para o socialismo que praticamos. Amigos, podeis estar certos de que o Iraque é um país aberto. Longe de estar restringido, um Iraquiano é livre de viajar por todo o mundo. Os Iraquianos deslocam-se tanto para locais distantes, como para vizinhos — para o Japão, os E. U. A. e a União Soviética, a China, etc. e, por isso, muitos deles conhecem todos os tipos de sistemas políticos, existentes no mundo. Se não estivessem totalmente satisfeitos com os verdadeiros méritos do sistema do seu próprio país já se teriam revoltado. No entanto, somos nós, os dirigentes, quem não está completamente

satisfeito com o que tem sido, entretanto, realizado. Sentimos que há ainda muito mais a conseguir.

Estamos não só convencidos, como também dizemos constantemente aos membros do nosso Partido e ao nosso povo, que as realizações conseguidas são motivo de grande orgulho para nós. Pensamos, no entanto, que são apenas passos firmes no longo caminho da nossa luta, quer no contexto da nossa luta nacionalista no interesse da nação Árabe, quer no da nossa luta social e democrática, no Iraque.

Por favor enderecem os cumprimento dos Dirigentes a todos os operários dos vossos sindicatos, bem como a quaisquer outros organismos a quem achem que o devem fazer. Por favor, informem os vossos trabalhadores de que, apesar do que possam ouvir a nível de calúnias mal-intencionadas, postas a circular pelos inimigos da Revolução, continuarão, simultaneamente, a ouvir boas notícias notícias que nunca deixarão de lhes dar prazer. Acreditamos, sinceramente que o que lhes agrada, como na verdade o que vos agrada a vós, é ver que este povo vive com dignidade, sob a ordem socialista; que se põe fim, de uma vez por todas, a todas as conspirações forjadas contra os interesses do povo; é ver que a marcha do progresso continua, no interesse da nação Árabe; e participar, seriamente, servindo os interesses da humanidade, da paz internacional e da luta, juntamente com outros povos do mundo, contra a opressão, a discriminação racial, a servidão e a exploração.

رقم الايداع في المكتبة الوطنية (١٢٩٥) لسنة ١٩٨١/

الطبعة البرتغالية :

" حديـــث السيد الرئيس صدام حسين الـــــى "
عمال العراق / ١٩٨٠

اصـدار : دار المأمون للترجمـة والنشـــــــــــر
وزارة الثقافـة والاعـــــــلام
بغـــداد /١٩٨١